ESTUDOS AMERICANOS

AMÉRICA LATINA EM TEMPOS DE PANDEMIA

CRISES

MORTES

DESCASOS

SOLIDÃO

ALEXIS T. DANTAS
MARIA TERESA TORÍBIO B. LEMOS
ORGANIZAÇÃO

Copyright © 2020, Estudos Americanos

Editora
Léa Carvalho

Coordenação Editorial
Alexandre Belmonte

Capa
Design: MaLu Santos
Xilogravura: José Severino da Silva

Projeto gráfico
MaLu Santos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A536

América Latina em tempos de pandemia / organização Alexis T. Dantas, Maria Teresa T. B. Lemos ; coordenação Alexandre Belmonte ; ilustração José Severino da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Estudos Americanos, 2020

328 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 9786599140228

1. Epidemias - Aspectos sociais - América Latina. 2. Epidemias - Aspectos econômicos - América Latina. 3. COVID-19 (Doenças) - América Latina. 4. Infecção por coronavírus - América Latina. I. Dantas, Alexis T. II. Lemos, Maria Teresa T. B. III. Belmonte, Alexandre. IV. Silva, José Severino da.

20-65831 CDD: 303.485098

CDU: 316.4:616-036.22(8)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Editora poderá ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados.

ESTUDOS AMERICANOS

Um selo da Metanoia Editora
www.estudosamericanos.com
Rua Santiago, 319/102 - Penha
Rio de Janeiro - RJ - Cep: 21020-400
faleconosco@metanoiaeditora.com
21 2018-3656 | 21 96478-5384

Associada:

Liga Brasileira de Editoras - www.libre.org.br
Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) - www.snel.org.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação, 7

Pandemia e Cosmovisões – Solidão, Medo e Morte, 8
Profa. Dra. Maria Teresa Toríbio B. Lemos

I – Política, Economia e Pensamento

Fútbol y globalización: La FIFA y su papel durante el Coronavirus, Covid-19, 22
Adrián Serafín Tuninetti

Aspectos econômicos da Covid-19: a pandemia e o xeque-mate, 37
Alexis Toríbio Dantas, Dejan Mihailovic e Elias Jabbour

¿De qué hablamos cuando hablamos de Globalización?, 51
Carlos Juárez Centeno

Memórias do fim do mundo, 62
Esther Kuperman

Covid-19 e o Estado nu: as agruras do combate a uma pandemia no Brasil na primeira metade do século XXI, 68
Gilberto de Souza Vianna

China, Estados Unidos y la nueva gobernanza global: posibles escenarios del mundo post pandemia, 92
Gonzalo Chiggino e Carlos Juárez Centeno

Neoliberalismo y la pandemia de Covid-19, 114
Johannes Maerk

Covid-19 e historiadores de esquerda, 123
Juan Manuel Santana

La pandemia, el autoaislamiento y las teorías de desarrollo, 137
Katarzyna Dembicz

América Latina e os impactos estruturais ocasionados pela Covid-19, 145
Paulo Maurício do Nascimento

II – Sociedade, Saúde e Educação

Challenges for Mexican diplomacy in the context of COVID-19, 164
Adolfo Alberto Laborde Carranco

Das garantias contra o esquecimento: Povos Indígenas, Coronavírus e Negligência , 178
Aimée Schneider Duarte

Educação remota em um contexto pandêmico, 197
André Luis Toribio Dantas

Por que voltarmos a 1918?, 213
Cezar Honorato

Os vínculos primordiais na travessia dos traumas, 230
Edelyn Schweidson

Los sectores más vulnerables y el derecho a una información eficaz y adecuada en épocas de pandemia-Covid 19, 239
Esther Susana Borgarello e Matias Ignacio Borgarello

A pandemia da Covid-19 e as mudanças na atuação docente: o trabalho em casa como (falta de) estratégia didática, 249
José Lúcio N. Jr e Patrícia Mª P. do Nascimento

A pandemia no Brasil: visões e versões, 266
Maria Luzia Braga Landim e Tiago Landim d'Avila

Imprensa, Governo Bolsonaro e Pandemia da Covid-19 no Brasil, 278
Nilson A. Moraes

Disputas imperiales: una mirada de la pandemia Covid-19 desde Centroamérica, 296
Óscar barboza lizano

A passagem da epidemia de Gripe Espanhola no Espírito Santo, 310
Sebastião Pimentel Franco e Maria Cristina Alochio de Paiva

COVID-19 E HISTORIADORES DE ESQUERDA

JUAN MANUEL SANTANA[1]

Nesta situação de saúde com repercussões políticas e econômicas, causada pelo coronavírus chamado Covid-19, os historiadores têm algo a dizer, especialmente aqueles de nós que continuamos investigando com a metodologia do materialismo histórico. Nosso pensamento republicano e humanitário nos leva a pensar que coroas e vírus são socialmente prejudiciais; precisamos estudá-los para superá-los da melhor maneira

Os seguidores da tradição hegeliana sabem que todos os processos são dialéticos e, neste momento, as soluções possíveis também serão a síntese do confronto de interesses. Como sujeitos comprometidos em um determinado momento, devemos analisar, propor e trabalhar para um mundo mais justo, com consciência de classe.

É sempre útil olhar para trás para ver como as sociedades lidam com situações semelhantes; a história é a experiência acumulada da sociedade. Essa pandemia questionou toda uma civilização, temos um compromisso moral de contribuir com o conhecimento adquirido, embora o pessimismo da razão nos leve a pensar que nada pode ser feito, devemos mobilizar e responder às demandas sociais com reflexões baseadas nos ensinamentos do passado.

Existe uma relação conflituosa entre passado-presente-futuro. A história é vivida para a frente e entendida para trás. Walter Benjamín disse que, para encontrar significado em um momento, devemos "pensar sobre o presente de um ponto de vista histórico". Já em 1948, George Orwell havia escrito que "quem controla o passado controla o futuro e quem controla o presente, controla o passado", além disso, nesta novela distópica, há constantemente dados sobre uma guerra que não se sabe se é real ou imaginária; Os inimigos estão mudando, eles estão mudando, e os dados dessas guerras deixam a população que os ouve

---

1. Profesor Universidad de Las Palmas de Gran Canaria - Espanha

feliz ou deprimida[2], como está acontecendo com os dados da guerra contra o coronavírus no planeta.

No século XXI, vírus e viral estavam associados apenas à computação, mas agora retornam ao sentido biológico original, relacionado à doença. As epidemias têm sido uma constante na história da humanidade e têm sido tratadas de maneira diferente ao longo do tempo.

O exemplo de uma pandemia na qual a maioria dos historiadores e da mídia analisou a conjuntura atual é a chamada gripe espanhola, no final da Primeira Guerra Mundial, de 1918 a 1920, estima-se que ela possa ter se espalhado para 500 milhões de pessoas, das quais 10-20% poderiam morrer. Mas podemos olhar para trás e ver as reações às grandes pandemias. Outra alternativa possível é investigar na Idade Média quando sabemos que as pandemias causaram grandes mortes. Posteriormente, as epidemias constituíram os flagelos mais temidos dos tempos modernos até a Era Contemporânea, na qual continuaram, embora não tenham desaparecido, graças à introdução de medidas higiênicas e sanitárias. A socialização da higiene como fórmula preventiva de doenças, bem como a chegada de métodos modernos que evitavam o contágio. Houve 10 pandemias nos últimos 10 anos, mas nenhuma produziu o nível atual de doença e morte.

Os vírus sofrem mutações o tempo todo, mas as circunstâncias dessas mudanças fizeram da Covid-19 uma ameaça à vida, portanto, dependem de ações humanas. As condições ambientais aumentam a probabilidade de mutações vigorosas, como ocorreu no século XVII com uma mudança climática natural, que transformou o século em um tempo de calamidades infecciosas[3]. Uma das desvantagens da era da crescente globalização é a impossibilidade de impedir a rápida disseminação internacional de novas doenças[4].

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 7 milhões de pessoas morrem anualmente como efeito direto dos gases emitidos pelos veículos. Produto desse poluente, além dos emitidos por fábricas e motores, milhões de seres humanos sofrem de doenças do coração, sistema nervoso, olhos,

---

2. ORWELL, George: *1984*. Destino, Barcelona, 1952.

3. PARKER, Geoffrey: *Europa en crisis, 1598-1648*.Siglo Veintiuno, Madrid, 1981, especialmente el apartado 1.1. "Clima y crisis".

4. HARVEY, David: "Política anticapitalista en tiempos de COVID-19" en *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia* (79-96) ASPO, 2020, p. 84.

ouvidos, coluna, joelhos, fígado e outros órgãos que possibilitam todo tipo de metabolismo em seus corpos, é uma pandemia silenciosa[5].

Durante a Idade Média, a grande pandemia foi a peste negra que trouxe morte e fome devido ao colapso econômico, causando medos coletivos e crenças supersticiosas.

Ao longo dos séculos XVI e XVII, a cidade europeia que não foi afetada pela praga foi rara; em meados do século XVII, era considerada a doença mais contagiosa e afetava muito os pobres. "Prowling" e mendicância eram especialmente temidos, uma vez que eram considerados como agentes de contágio e disseminação da doença[6]. Jordi Nadal descreve esse processo, até 1720-1721, apontando que a praga havia sido o mal mais cruel, o maior inimigo da humanidade. A varíola é agora o pior freio, o mais contrário à população e ao Estado[7].

A substituição de pandemias por peste foi coberta por varíola. O aparecimento desta doença na Europa ocorreu ciclicamente, ou seja, após um período de inatividade, foi reproduzido com maior impulso, causando estragos entre aqueles que não conheciam o surto anterior. Nas cidades maiores, a doença estava sempre presente. Em áreas menos densamente povoadas, a epidemia atingiria todas as crianças. Por sua parte, aqueles que tiveram varíola e sobreviveram foram imunizados pelo resto de suas vidas[8].

No mundo ocidental, grosso modo, podemos apontar que a doença mais mortal dos séculos XVI e XVII foi a praga que mais causou mortes; no século XVIII foi varíola, no século XIX foi cólera e no século XX foi a gripe.

Entre os séculos XVI e XVIII, eles não confinaram pessoas saudáveis, mas sim lugares, um espaço bem fechado impedia a entrada de vírus, mesmo na época da revolução francesa na Espanha, as pessoas falavam sobre o vírus revolucionário e fechavam as fronteiras com uma polícia

---

5. GUTIÉRREZ M., Carlos: "Después de la pandemia, ¿todo seguirá igual?" *Le Monde Dilpomatique*, Nº 198, abril 2020, p. 2.

6. PESET, Mariano y PESET, José Luís: *Muerte en España (política y sociedad entre la peste y el cólera)*. Editorial Hora, Madrid, 1972, p. 21.

7. NADAL, Jordi: "Historia de la población española" en REINHARD, M. y ARMENGAUD, A.: *Historia de la población mundial*. Ariel, Barcelona, 1966, p. 634.

8. HUERKAMP, Claude: "The History of Smallpox Vaccination in Germany: a First Step in the Medicalization of the General Public". *Journal of Contemporary History*, V. 20, N. 4, (617-628) 1985, p. 618.

sanitária, guardas armados foram colocados para impedir a passagem de um lugar para outro. De qualquer forma, aqueles que foram infectados tentaram isolá-lo em locais, geralmente hospitais ou instalações similares, em alguns casos eremitérios, que não tinham uma função sanitária, mas sim uma função reclusa, e os que sobreviveram foram deixados lá até que a doença passasse.

Atualmente, o movimento rápido e veloz das pessoas torna impossível ser avisado no tempo dessas epidemias que se espalham por um planeta cada vez mais punido por ações antropogênicas. Com um ambiente mais saudável e alimentos menos adulterados, as defesas das populações estariam melhor preparadas para repelir vírus.

Os portos eram elementos essenciais isolados, assim como as passagens nas montanhas. Havia um medo permanente da entrada de epidemias que chegavam pelo mar, o que geraria mortalidade e, além disso, arruinaria o comércio, porque nenhum navio iria querer entrar naquele porto até ter certeza de ter superado a doença, havia um grande medo de que fosse declarado o "porto sujo", se entrou por terra, não é apenas a morte, mas também o fechamento dessa localidade e a comercialização de produtos.

A saúde durante esses séculos foi de responsabilidade das administrações locais, as entradas de vírus tiveram que ser evitadas, para que alocassem orçamentos específicos, o que mostra a relevância do assunto para a administração da Era Moderna.

Em 1742, em um momento marcado pela epidemia de peste que havia sofrido Marselha e Argel, o monarca espanhol foi informado dos sérios danos ao comércio. Os Ministros do Conselho de Saúde registraram os barcos que entraram em seus portos. O rei decidiu cessar a rigidez das operações do referido Conselho e acrescenta:

> "... entienda sólo en el reconocimiento de los Despachos con que navegan los Capitanes y Patrones y constando en ellos no venir ni haber tocado con sus navegaciones en paraje donde se padece dicho mal les dé prontamente la licencia para comerciar sin dispendio alguno y sin sujetarlos al fondeo y registro... cuarentena sin descargar ni admitir durante esta comunicación con algunos de los que vengan..."[9].

9. Archivo del British Museum. Fondo Additional, Sig: 20.926, fol. 39 vuelto-40 recto.

O controle das epidemias era o objetivo básico estabelecido pelas autoridades de saúde, por isso se preocupavam em conhecer as novidades sobre sua evolução nos países com os quais tinham contato. Desde o momento em que um surto epidêmico era conhecido em qualquer lugar, as relações comerciais com esse local eram proibidas; os navios que chegavam às costas dessa área eram impedidos de desembarcar pessoas e mercadorias e ficavam em quarentena em um local específico:

> "...que no se admitan en ninguno de los puertos de estos reinos embarcaciones algunas grandes o pequeñas procedentes de Argel, Esmirna de Alejandría y de las Islas del Archipiélago, en las que se haya introducido el contagio, antes bien inmediatamente se hagan salir obligándolas con la fuerza en caso de resistencia, y porque alguna de las embarcaciones podría acercarse a las playas, caletas y ensenadas y demás surgideros de nuestras costas...deberán cobrar esta importancia en sus respectivas jurisdicciones a efectos de prohibir que entren ni se arrimen a la tierra embarcaciones...como así mismo el que echen o embarquen gente, frutos, mercaderías, ni otros géneros con ningún pretexto haciéndolas retirar mar afuera disparando sobre ellas en caso necesario..." [10].

A primeira reação desde que a existência de uma doença epidêmica é conhecida é o corte das relações comerciais. Muitos relatos encontrados alertam para a necessidade de romper relações comerciais com certos locais afetados pela doença, principalmente devido à praga, a mais temida pelas epidemias, embora no século XVIII mais pessoas tenham morrido de varíola, como apontamos.

A mais conhecida das epidemias de peste do século XVIII será a sofrida pela Dalmácia, no Mediterrâneo oriental, em 1784. Dado o conhecimento desse fato, as autoridades se apressaram a tomar medidas concretas e rigorosas para isolar os navios dessa área. De acordo com a documentação, a maneira mais correta de combater a disseminação dessa doença era a obrigação de os navios que chegavam passarem em quarentena em local apropriado, de modo que propunham a construção de lazarettos.

---

10. Archivo Municipal de La Laguna. Sig. S-III, Leg. 12, 1763, fol. 17 vuelto.

Os lazaretos tinham que ser locais localizados na costa para instalar pessoas e navios estrangeiros, por um tempo, até descobrirem se sofriam de alguma doença. Nesse caso, deveriam curar-se lá sem poder sair para fora, mas, se não o fizessem, poderiam entrar na cidade em um tempo razoável estimado pelas pessoas encarregadas do local. A construção desse tipo de local foi uma das reivindicações mais claras e reiterativas das autoridades de saúde do século XVIII[11].

Às vezes, a fome era precursora de doenças epidêmicas, como peste, febre amarela, malária e disenteria, para referir algumas das mais importantes por sua periculosidade, embora, como Juan Ignacio Carmona tenha estudado, o problema alimentar mais cotidiano das classes humildes não foi tanto a falta de comida quanto a monotonia da dieta e a falta de componentes nutricionais básicos[12]

Doenças, perda de saúde, significam, em muitos casos, exclusão do ambiente produtivo.

As epidemias criam uma rejeição fulminante na memória das sociedades, uma vez que estão sempre relacionadas a todas as calamidades que geralmente trazem com elas, em uma sociedade como a do Antigo Regime, onde a falta de higiene e controle sanitário tornava habitual imagens dessas condições, a aversão que sentem à menção desse termo é lógica, julgando-o mais perigoso do que qualquer outro.

Alguns setores são vistos pelo poder como responsáveis pelo surgimento de doenças e pela disseminação de epidemias. Os primeiros a serem acusados são aqueles que têm um modo de vida menos adaptado ao comércio tradicional, caracterizado pelo nomadismo e por aqueles que não têm um local de residência fixo, por esse motivo, as cidades preocupadas com sua saúde e sempre atentas à escassez, se dobram e expulsam visitantes indesejáveis que poderiam acentuar sua fraqueza diante da crise.

O surgimento de epidemias, às vezes, produz um período seguido de fome e aumento de preços, embora esses geralmente tenham sido os antecessores. Isso ocorre na medida em que afeta um grande setor da população que

---

11. Nós estudamos isso em detalhes SANTANA PÉREZ, Juan Manuel: "Diseases Spread by Sea: Health services and the ports of the Canary Islands in the eighteenth and early nineteenth centuries. *Mariner's Mirror.* 102 (290-302) 2016.

12. CARMONA, Juan Ignacio: Enfermedad y sociedad en los primeros tiempos Modernos. Universidad de Sevilla, Sevilla, 2005, p. 18.

para de produzir, ao mesmo tempo em que os campos são abandonados e a produção diminui. Às vezes, a fome precede a propagação da doença:

> "...con motivo de la enfermedad epidémica que aflige a los vecinos del barrio de San Sebastián y que según expresan los médicos en gran parte resulta de la suma pobreza y miseria a que están reducidos pues hay más de 20 que están sobre la tierra sin más abrigo que algunos trapos y en lonjas y casucas húmedas y sin socorro alguno y en atención a que no es posible traerlos al hospital así por su crecido número como por no tener el Mayordomo con que costearse: se acordó que en algún modo subvenir a tan grave necesidad. . .para que dispongan buscar una casa en dicho barrio y poner todos los pobres enfermos que se pueda en la que se atienda en lo posible pidiendo por el pueblo..." [13].

Nas descrições que aparecem neste parágrafo, podemos considerar as características da Era Moderna, no momento em que ocorreu uma epidemia, a primeira a ser afetada seriam os setores da população que possuíam condições precárias de vida.

Portanto, vemos que, atualmente, continuamos a tomar medidas sanitárias do Antigo Regime, embora nunca tenha havido um confinamento global.

A fome e a escassez de produtos essenciais (alimentos, remédios) favoreceram o rápido desenvolvimento de doenças, que geralmente se tornaram epidemias, pois se espalharam como fogo pelos setores mais deprimidos da população.

Todas essas pandemias envolvidas no quadro de uma crise econômica causaram interpretações apocalípticas. Israel Sanmartín analisou essas visões e estabeleceu um relacionamento inteligente com a queda do muro de Berlim em 1989[14].

---

13. Archivo Municipal de Santa Cruz de La Palma. Sig. 41,733-1, 8-111- 1783, fol. 21 recto.

14. SANMARTÍN, Israel: "Si no es apocalipsis, ¿qué es?" *Público*, https://blogs.publico.es/otrasmiradas/30999/si-no-es-el-apocalipsis-que-es/

O verdadeiro evento histórico universal do Covid-19 não é a pandemia, mas o primeiro nascimento de um fenômeno global de pânico em massa[15].

A doença sempre produziu medo. A ativação do medo é muito útil para o poder, porque a ameaça implica um forte apoio à autoridade, uma vez que a imposição de monarquias absolutas e hoje de sistemas democráticos formalmente questionados, cuja canalização desses descontentamentos começaram a aparecer com o movimento dos indignados[16], canalizada por algumas forças políticas em alguns países, com um modelo de representação em crise, a força legitimadora é dada em nome da segurança nacional. Atualmente, se as pessoas precisam decidir entre liberdade e segurança, escolhem a segunda opção. A vida foi superestimada, as pessoas querem estar vivas de qualquer maneira, às vezes de maneiras indignas, mas biologicamente vivas, não é algo objetivo ou historicamente universal, a morte era mais diária e mais aceita.

Assim, qualquer forma de resistência ao poder é apresentada como um ato de terrorismo. Vivemos com o sentimento ilusório de que participamos de tudo, mas a realidade é que tudo é virtual, até as formas de protestar e com a pandemia todas as relações sociais são realizadas à distância, até o sexo virtual há muito tempo se impõe.

Isso tem a ver com o que Naomi Klein chamou de doutrina do choque, ou seja, que o Estado se aproveita de fenômenos naturais ou artificiais de grande impacto na população para desenvolver políticas que restrinjam a liberdade e a imposição econômica[17]. O inimigo aparece como um monstro com mil rostos: explosão populacional, drogas, máfias, fanatismos étnicos, crime organizado, fundamentalismo islâmico, efeito estufa, grandes migrações e, neste momento, pandemia.

Agora o inimigo perde a concreção, ganha mobilidade, é indefinido. Ou seja, qualquer episódio natural ou humano que seja contra o desenvolvimento inexorável do capitalismo é um inimigo. Dessa forma, África, Ásia e América Latina são territórios desprezados ou exóticos, são o

---

15. PETRUCCELLI, Ariel: "La política del terror" en *La fiebre. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia* (17-19) ASPO, 2020, p. 120.

16. El movimiento toma el nombre y coge auge a partir del libro HESSEL, Stéphane: *Indignaos. Un alegato contra la insurrección pacífica.* Destino, Barcelona, 2011.

17. KLEIN, Naomi: *La doctrina del shock. El auge del capitalismo del desastre.* Paidós, Barcelona, 2010.

outro, não avançam no capitalismo. Eles defendem que "a China é a outra e criou o vírus". Diante disso, o Ocidente é paz, civilização, humanidade, democracia, progresso[18].

Existe uma nova cultura global do medo. Predomina um pensamento simplista e monocultural, que minimiza a pluralidade que acentua as diferenças entre grupos.

Até a segunda metade do século XX, o protetor era Deus, ele tinha as respostas e tudo era devido à sua vontade, esse papel foi substituído pela ciência. Não vimos cerimônias com orações e procissões para virgens, crucificadas ou santos, até os padres usam máscaras, removem a "água benta" e se protegem do coronavírus. No entanto, a ciência não tem todas as respostas no momento, estávamos convencidos de que as ciências experimentais eram oniscientes e onipotentes, mas estamos vendo que elas simplesmente estabelecem correlações estatísticas e ainda não conseguem explicar por que há uma incidência maior em alguns lugares ou outros e Eles não têm o resultado tecnológico, pelo menos tão rápido quanto pensávamos que funcionava. Afinal, o método experimental e o método das ciências humanas e sociais não estavam tão distantes, embora os primeiros tenham toda a credibilidade da sociedade. Tínhamos uma segurança de vida que se apoiava em uma crença teológica na ciência.

Historicamente, também houve uma mudança na concepção da morte, como dissemos, hoje mais temida do que nunca, não é percebida como algo cotidiano, não faz parte do ciclo biológico, mas é o fracasso da vida.

Em nossa cultura, podemos distinguir cinco grandes momentos da evolução sobre a concepção da morte.

Na Alta Idade Média, tivemos "morte coletiva e domesticada". Não havia dúvida da imortalidade da alma e a causa da extinção corporal era o pecado, algo assim: todos nós nascemos com um crédito e, quando pecamos, estávamos gastando.

Nos séculos XII e XIII, a "morte de si" caracterizou o horror, o macabro e a expiração do corpo que era fruto desses pecados, e estávamos morrendo aos poucos, desde o nascimento. A justificativa para a morte de recém-nascidos estava no pecado da luxúria que seus pais haviam cometido

18. SANTANA PÉREZ, JUAN MANUEL: La historia contrataca. Fundación Buría, Barquisimeto, 2013.

para concebê-los. Nesses séculos, como dependia da decisão divina, não importava ir à guerra ou viver com vírus, a chave era não pecar. Aqui aparecem aquelas representações de danças que são o desfile social de todas as propriedades, verdadeiros representantes dos estados, profissões e categorias da sociedade medieval[19].

Na Era Moderna, há uma mudança importante, já que a morte não é inexorável, o indivíduo não precisa esperar que Deus decida quando termina, mas pode contornar a morte, se houver uma epidemia e conseguirmos isolá-la, estamos seguros ou o fazemos vamos a um lugar sem vírus e não nos expomos aos perigos do cotidiano. Em outras palavras, podemos jogar um jogo contra a morte, como Igmar Bergman capturou com maestria em *The Seventh Seal*. As pessoas podem prolongar a vida e escapar do controle da foice. Mas isso é apenas prolongar a vida, não derrotar a morte, o importante é ganhar a vida eterna e que só pode ser alcançada pela alma; portanto, com boas obras, orações, doações à Igreja, podemos ganhar a eternidade. Para os mais desejosos de ganhar a vida eterna na terra, existe o conceito de fama, que surge agora, desde que me lembrem que eu estarei vivo, é por isso que os escritores assinam seus romances, os pintores assinam os quadros e os patronos são pintados para serem lembrados.

No final do século XVIII e início do século XIX, apareceu a "morte de outros", que acompanhou o progresso da família burguesa nuclear. Agora, com o romantismo, o mais temido é a morte de entes queridos, e as crenças tradicionais no pecado parecem extintas e também a imortalidade.

A última fase, a partir do século XX, gira em torno da "morte negada e revertida" para um certo sentimento de vergonha no final da vida e, quando chegamos ao final do século e começamos o século XXI, essa ideia é reforçada, influenciado pelo pós-modernismo que relaciona a morte à estética, morrer é algo feio, vergonhoso que está oculto e a vida foi superestimada acima de tudo, incluindo dignidade, justiça, boa vida e bem viver.

O surgimento da Covid-19 foi inicialmente subvalorizado no mundo ocidental, que agora é atribuído ao governo chinês. Alguns intelectuais de esquerda nos primeiros dias, no final de fevereiro na Itália, onde a pandemia se espalhou pela primeira vez, ainda escreveram que "causa sintomas leves /

---

19. INFANTES, Víctor: *Las danzas de la muerte. Génesis y desarrollo de un género medieval (siglos XIII-XVII)*. Ediciones Universidad, Salamanca, 1997, p. 153.

moderados (um tipo de gripe)", presumivelmente a mídia e as autoridades estavam se esforçando para espalhar o clima de pânico, negando o caráter epidêmico[20], muitos de nós acreditavamos nisso, espalhados pelas primeiras mensagens de saúde. Essa primeira ideia, provavelmente, teve sua base na experiência de 2009-2010 com a gripe A, ampliada para o enriquecimento de alguns laboratórios, muito dinheiro público foi gasto na compra de medicamentos e tudo parece ter sido uma grande farsa.

A Covid-19 é outro bom pretexto para negócios fraudulentos, nada foi feito contra a doença, enquanto os Estados gastam enormes quantias de dinheiro público em medidas de prevenção, contenção e tratamento, que não agem sobre as causas, os problemas são transformados em negócios cativos para algumas empresas transnacionais, por exemplo, com vacinas, medicamentos, suprimentos médicos[21].

O que nos preocupa não são apenas as vidas humanas perdidas, mas as repercussões econômicas e políticas da pandemia que podem ter sérias consequências. Um grande debate foi centrado em como isso afetará o sistema capitalista. É aqui o campo de batalha fundamental é onde temos que travar nossa luta, porque na síntese final o resultado dependerá dessa luta, porque as contradições do capitalismo foram reveladas[22].

A saída econômica da pandemia deve destruir o neoliberalismo, o estado se tornou mais necessário do que nunca, talvez eles possam ressuscitar Keynes. A teoria econômica keynesiana para superar as consequências do colapso de 1929 questionou a sacralidade do mercado e sua ideologia proprietária, o fim do paradigma econômico liberal, exigiu a intervenção do Estado; a chave era implementar políticas de estímulo do lado da demanda injetando toda a liquidez necessária para reverter os ciclos depressivos, que pode ser uma tentativa de manter o capitalismo, mas baseada em outra concepção econômica menos selvagem[23], embora a única solução definitiva seja mudar o modelo. Nos anos 30, a crise foi o fertilizante para a ascensão

---

20. AGAMBEN, Giorgio: "La invención de una epidemia" en *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia* (17-19) ASPO, 2020, p. 18.

21. RIBERIO, Silvia: "La fábrica de pandemias" en *La fiebre. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia* (17-19) ASPO, 2020, p. 50.

22. POTDEVIN, Philip: "COVID 19: ¿En el umbral del postcapitalismo? *Le Monde Dilpomatique*, Nº 198, abril 2020, p. 7.

23. CASTILLO HIDALGO, Daniel: "Keynes contra el coronavirus" *Público*, https://blogs.publico.es/otrasmiradas/30888/keynes-contra-el-coronavirus/

dos fascismos, agora eles proporcionam uma ascensão eleitoral e social da extrema direita.

O nível destrutivo da Covid-19, do ponto de vista econômico e social, pode ser semelhante à Segunda Guerra Mundial, mas não destruiu o tecido produtivo. O crescimento econômico infinito é impossível em um mundo de recursos naturais finitos[24]. É necessário um novo consenso social.

A última grande crise que ainda não foi superada, a de 2008 foi resolver com mais consumo, como não havia dinheiro, foi usado baixo custo, começamos a consumir mais e mais pessoas, mas produtos *low cost*, de muito baixa qualidade, viajam como uma maneira do consumo, sem prová-los ou tirar proveito deles, e em aviões de baixa qualidade e pouco espaço, agora não parece possível pisar mais fundo no acelerador do consumo predatório do planeta.

Devido à sua natureza da mídia, os representantes mais considerados sobre esse assunto no campo intelectual, até agora, foram Salvoj Žižek e Byung-Chul Han.

Žižek pelo otimismo da ação a que Gramsci aludiu, ele afirmou que o mundo não será o mesmo novamente, porque essa situação dará um toque final ao capitalismo e ao Estado-nação, dado que, por ser uma epidemia global, deve ser enfrentada globalmente, são necessárias instituições para parar esta guerra médica, porque apenas uma mudança radical pode salvar a humanidade[25]. No entanto, as medidas que foram tomadas foram individuais para cada Estado.

Por sua parte, Byung-Chul Han respondeu a Žižek dizendo que vivemos em uma sociedade de positividade e que o vírus é percebido como um terror permanente e, além disso, não podemos deixar a revolução nas mãos do vírus[26]. É uma posição mais pós-moderna, pessimista e sem oferecer

---

24. CASTILLO HIDALGO, Daniel y GONZÁLEZ DE MOLINA SOLER, Pedro: "Crisis paralelas. El valor de la experiencia histórica". *Público* https://blogs.publico.es/dominiopublico/32917/crisis-paralelas-el-valor-de-la-experiencia-historica/

25. ŽIZEK, Slavoj: "Coronavirus es un golpe al capitalismo al estilo 'Kill Bill' Y podría conducir a la reinvención del comunismo" en *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia* (21-28) ASPO, 2020, p. 27.

26. BYUNG-CHUL HAN: "La emergencia viral y el mundo de mañana" en *Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia* (97-111) ASPO, 2020, pp. 108 y 110.

soluções possíveis para um cenário assustador, mas o diagnóstico parece bem argumentado e plausível.

A pandemia explodiu a pobreza, expôs a precariedade de grandes setores da população em todos os países, desde os habitantes do mundo desenvolvido às populações do terceiro mundo. Sair da crise ameaça devorar setores mais amplos. O combate deve ser com a presença ativa do Estado, são necessários controle alimentar e sanitário, devemos retornar a um Estado social.

O que nos preocupa não é o presente, nem mesmo o passado, o que nos preocupa é o que vem a seguir, olhamos o passado para transformar o futuro.

O confinamento, a chamada distância social, em um sentido positivo e não pejorativo que parece ter (somos contra as distâncias sociais) nos avisa que eles estão aqui para ficar, com terríveis consequências que realmente vêm implementando nos últimos tempos.

Uma consequência é o teletrabalho, que eles dizem ser uma panaceia, por isso não saímos de casa, é claro que colocamos os meios de produção: equipamentos de informática, espaço, móveis, Wi-Fi, luz... e é claro que não é o mesmo em uma casa de classe trabalhadora do que em uma mansão milionária. O teletrabalho não é neutro; na esfera doméstica, torna-se um espaço de produção.

Isso nos leva a trabalhar por conta própria em todos os aspectos; no final, não haverá relação de emprego com a empresa, mas uma relação comercial que, quando o proprietário desejar, buscará outro fornecedor melhor e mais barato.

O reforço do individualismo é inegável, o mundo é reduzido, a organização do trabalho, a reflexão coletiva, os projetos políticos transformadores não são possíveis, a cooperação só é admissível nas varandas porque o outro infecta, como disse Sartre "o outro é o inferno".

No setor da educação tão importante desde o início da socialização no final do século XVIII, o sistema telemático prevalece, como algumas universidades privadas já faziam, onde era mais importante ter uma conta corrente do que ter conhecimento. O valor dos primeiros ciclos é ser cuidador, para que os pais possam produzir onde não têm chance de trabalhar em casa, não importa se as crianças aprendem. As universidades

são reduzidas a máquinas de venda automática de títulos, todos fingimos que ensinamos e eles fingem que aprendem, tudo uma grande fraude.

A situação nos leva a Parmênides para nos dizer que não há movimento. No entanto, a Terra se move, tudo muda, apesar do trabalho duro. Essas campanhas estão sendo muito eficazes, porque conseguiram ter um caráter regulatório. Portanto, qualquer proposta que levante os problemas da necessidade de transformação do "pensamento único" não é considerada.

Os seguidores de Heráclito, pensamos que ninguém pode tomar banho duas vezes no mesmo rio e hoje somos pessoas diferentes, com novos conhecimentos e sentimentos, felizmente não deixamos na estrada o espírito crítico e o desejo de continuar lutando pela história e por outro mundo possível.